

O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SEMPER ACCIDENS POLITICO.

*Hinc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Martial. Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta com as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

Huma rajada de Politica.

Há muito não me metto nos debuxos da Politica, já por não sahir fôra das raias, que me propuz, já por que o nosso Povo deve de estar atediado de tanta Politica. Tempo houve, em que os nossos Periodicos não tractavão, se não desta, soltando baforadas do Contracto Social, copiando trechos de Mably, do Barão d'Holbac, e d'outros Politicos, que hoje se reputão fazenda velha, e avariada na culta, e politica Europa. As boticas, as lojas, os botequins, e as officinas de Barbeiros, e Sapateiros são outros tantos Parlamentos de Politica transcendental, on le se discutia sobre a divisão, e harmonia dos Poderes, sobre a vitaliciedade do Senado, sobre o Veto absoluto, ou suspensivo, q' era hum pasmear. Hoje tem amainado hum pouco esse vendaval; e alguns já se vão desenganando, que o ramo da Politica não he especulação, que chegue para todos.

Tinha me deixado pois de Politicar: mas agora sinto coçegas de sahir a terreiro, quando observo, como se vai desvariando a opinião a respeito dos nossos negocios, sobre es quacs vou dizer fran-

camente a minha opinião. He inegavel, que muitos, e gravissimos males tem soffrido o Brazil depois do Systema, que actualmente nos rege, o que de força havia acontecer; por que as Revoluções, bem como os medicamentos fortes, o decisivos para os enfermos, trazem incalculaveis desconfortos aos Povos. Muitos á vista dos males, que soffremos, sem saberem, ou sem se darem ao trabalho de pesquisar as causas, recorrem ao mui vulgar sophisma "Post hoc ergo propter hoc"; e tudo attribuem ao Regimen Constitucional Representativo, como se pudesse ter imperfeição, e vicio intrinseco hum Systema, que há elevado ao fastigio da grandeza, e prosperidade a Grã-Bretanha, França, e os Estados Unidos d'America do Norte. Alguns, que se queixão da nossa Constituição, são sinceros; por que não alcanção a mais. Observando, que muitos males tem apparecido depois della, não reconhecem outra causa de taes males. e desejão, que volvessem os tempos do passado Governo: outros porém fazem-o por tactica para seus fins, e inventarão o termo *Regresso*, como uni-

co meio de salvar o Brazil: e para desgostar os Povos, e desconceituar a actual Administracão do Brazil, ensinuão até em seus revolucionarios escriptos, que esta pretende proclamar o *Regresso*, isto he; dar cabo da Constituição, e enthronizar o Absolutismo. Esten convencido, que a nossa actual Administracão não vai certamente de eccordo com os Republicueiros; que he toda Monarchista: mas não me entra em cabeça, que cidadãos tão illustrados, e tão conspicuos concebão o quixotal projecto de volver o Brazil ao regimen monstruoso de D. João 6.º Não, esta intriga he para mim muito pueril.

Extremos não se logrão; e extremos são os que nos hão causado os maiores prejuizos. Huns querem a Republica; outros desejão a Monarchia absoluta. Rascaveis, e justos só me parecem os que propugnão pelo meio termo, isto he; os que querem a Constituição Monarchico-Constitucional Representativa, que a Nação abraçou, e jurou. Talvez nos conviesse a principio huma Constituição, em que menos predominasse o elemento Democratico; talvez conviesse então deixar de inserir nella certos Artigos; mas hoje seria imprudente querer acabar inteiramente com hum Regimen, que já calou no espirito dos Povos, hum Regimen, que sustenta, e nutre a huma consideravel porção de Cidadãos; e teriamos nesse caso a ameaça do Evangelho — *Et erit novissimus error peior priori*.

Não desconheço, como já disse, os males, que nos affligem. Huma Revolução tão momentosa não podia effectuar-se sem gravissimos inconvenientes. Passamos infelizmente sem nenhuma transição de colouos a Povos livres, vingamos de hum salto muitos degraus do progresso social; e isto devia acarretar-nos transtornos, e consideraveis prejuizos. Nada há mais fecundo em maravilhas (diz o nãu judicioso Alexis Tocqueville) do que a arte de ser livre: nada porém he mais duro, do que o ensaio

da liberdade. Muitas vezes appresenta-se o Absolutismo, como reparador de todos os males, que se sofre: elle he o sustentaculo do bom direito, escudo dos opprimidos, e fundador da ordem. Os povos dormem no seio da prosperidade momentanea, que elle produz; mas quando despertão, achão-se miseraveis. A Liberdade pelo contrario nasce ordinariamente no meio de tempestades: ella custosamente se estabelece por entre as discordias civiz; e só se precebem os seus beneficios, quando ella já tem envelhecido.

O *Regresso*, dizem alguns, he o unico recurso, de que devemos lançar mão para repôr as cousas em seus devidos eixos. Deixemo-nos de Constituição: proclamemos o Imperador Absoluto; que tudo será remediado. Quanto se enganaõ os que assim pensão de boa fé! Primeiramente todo o Poder humano absoluto he para mim hum monstro horrivel, que não deve ser desejado por nenhum ente racional, que conhece, e aprecia a sua dignidade. O Absolutismo (dizem outra parte o precitado Auctor) he em si mesmo cousa má, e perigosa: o seu exercicio parece que superior às forças do homem, seja elle quem for; e só a Deos conheço capaz de ser Absoluto sem perigo; por que a sua justiça, e sabedoria são iguaes ao seu Poder. Pelo que não há sobre a terra Auctoridade tão respeitavel em si mesma, ou revestida de hum Direito tão sagrado, que eu quizesse deixar obrar sem regras, e dominar sem obstaculos. Quando vejo pois conceder o direito, e facultade de fazer tudo a qual quer Poder, quer este se chame Rei, quer Democracia, que Aristocracia, ou seja exercido em huma Monarchia, ou em humo Republica; digo: ahi está o germen da tyrania; e procuro ir viver debaixo d'outras leis.

Em segundo lugar poder-se-há effectuar e-se *Regresso* sem huma revolução sanguinolenta, destruidora, e horrivel, sem pôr as cousas finalmente em pior

estado? As muitas famílias, os innumeráveis indivíduos, cuja subsistência, e prosperidade estão identificadas com o Regimen actual, abrirão mão de tudo, e ficarão pacíficos observadores da sua própria ruína, e desgraça? Supponhamos porém, que por inaudito prodigio não achavão os Absolutistas opposição alguma a seus designos: supponhamos, que como vulgarmente se diz, sem pau, nem pedra conseguão desplantar a Constituição, e proclamar o Governo Absoluto; melhorarião com isto as cousas do Brazil? Ficarião os Povos morigerados? Serião boas as leis, e bem executadas? Seria melhor administrada a Justiça? Terjamos melhor arrecadação, e distribuição das nossas Finanças? Estou persuadido, que não. Depois de mil estorves, e embaraços, ficariamos no mesmo, ou em peor estado: por que os nossos males não provêm certamente da Constituição escripta, que he letra morta; provêm de nos mesmos, que somos cheios de vicio, e capricho. Elle terá o vocabulo *Absolutismo* (alias horroroso) a virtude magica de mudar os homens?

Neste Regimen quaes serião os Agentes do Poder? Farião surgir das frias cinzas do sepulcro os nossos Avós de cabelleiras, e espadas á cinta para dirigirem os nossos negocios? Quem pois nos governaria, se não os mesmos homens, que vivem connosco, e que todos conhecemos? Muitos destes já tem sido experimentados em todos os ramos da Publica Administração; e o que tem feito? Huns tem-se locupletado; outros tem arrumado seus parentes, e affilhados, outros finalmente só tem servido de dar sobejas provas da sua incapacidade. Onde estão as virtudes Religiosas, e civicas dos nossos Grandes, ricos, e poderosos? Com honrosas excepções observo-se, que delles he, que a corrupção desce, e se propaga ás classes inferiores. Quem he, que protege, e apadrinha o facinoroso, o salteador, e assassino, se não nós mesmos, que nos a-

pregoamos cidadãos elevados? Quem cunhou huma praga de cobre falso, e derramou na circulação? Quem mercadeja escandalosamente em carne humana? Quem s'empenna fortemente com os Juizes de facto para subtrahir á punição legal os maiores homicidas, e ladrões? Quem sustenta desordeiros, e sicarios para seus guarda-costas, e até para ministros de suas vinganças? Quem põe as sentenças, a preço marcado, e as funções da Justiça em almonda? Quem se há encheido dos dicheiros publicos, entregues á sua direcção? Somos nós outros, que nos dizemos homens de bem, e gente principal.

Pergunto agora: e todas estas desgraças são mandadas fazer pela Constituição? Pelo contrario esta garante o Direito de propriedade, e põe os Agentes do Poder em plena dependencia da Lei. Além disto temos o terrivel remedio da censura por meio do prelo. Ora se não obstante tudo isto, fazemos das nossas todos os dias; o que será, proclamado o Governo Absoluto, isto he; a tyrannia de huns poucos de impostores, e velhacos agaloados, e seus agentes, e protegidos contra a mais população pacifica, e escrava? O Imperador, ainda que o supponhamos Divinamente assistido, e inspirado, não pôde governar por si só. Ha de forçosamente servir-se destes, ou d'aquelles de nós mesmos. Encontrará, não nego, alguns cidadãos mui honestos, instruidos, e capazes: mas huma machina tão complicada, e extensa, como he o nosso Imperio ha mister muitos agentes superiores huns, outros subalternos, Magistrados, Funcionarios de muitas especies, &c. &c. Elle Absoluto terá o talismã de crear estas capacidades? Ou a virtude celestial de fazer conversões? De necessidade ha de lançar mão dos actuaes elementos, de necessidade ha-se ajudar de nós mesmos, e eis nos em hum circulo vicioso. Mudã-se os altares; mas os Sanctos ficão os mesmos: os desafores, as velhacadas, e injustiças, que hoje se

praticão sob capa da constituição, far-se-ão, e ainda maiores em nome do Imperador, e sob pretexto de segurar-lhe o Throno; com a diferença porém de que presentemente os ciliados, e oppressos ainda tem o desabafo, e refrigerio de recorrer ao Prelo, de denunciar à Opinião Publica as malversações, e picardias dos Agentes do Poder; e tem-se visto alguma vez produzir este meio saudavel effeito; por que a Opinião Publica lê a verdadeira Rainha absoluta do Mando Politico; mas proclamado o Absolutismo, tudo curvaria o collo ás paixões, e caprichos dos Mandões; elles pizarião os Povos; e o mais leve queixume seria punido, como huma rebelião formal. O Prelo estaria só ás ordens do Poder; e depois de larga oppressão o Throno tornar-se-ia hum objecto de horror; e quando os Povos chegassem a succedir o jugo, desd'esse dia desaparecería entre nós a Monarchia.

Julgo pois mui pouco reflexivos os que desejão entre nós esse *Regresso*; e em meu entender estão quasi no mesmo caso, que os Republiqueiros. Monarchia absoluta, ou Republica Democratica no Brazil de hoje seriam dous terriveis flagellos, duas desgraças, que nos abysmariam nos maiores horrores imaginaveis. Convenho, e muitas vezes o hei dicto, que precisamos de varias Reformas; mas reformar não he destruir. He preciso em meu humilde entender emendar muitas das nossas Leis secundarias, ou administrativas, monarchiando as o melhor, que for possível; acabandó com tantas eleições para tudo quanto há. Isto entendo eu; mas destruir a Lei Fundamental, dizer — Acabe-se a Constituição; e governe-nos o Imperador, como bem parecer, não á Elle; mas aos seus Aulicos, adulares, e Sicophantas, para ahí não vou, nem me parece, irá nenhum homem de brio, e de juizo.

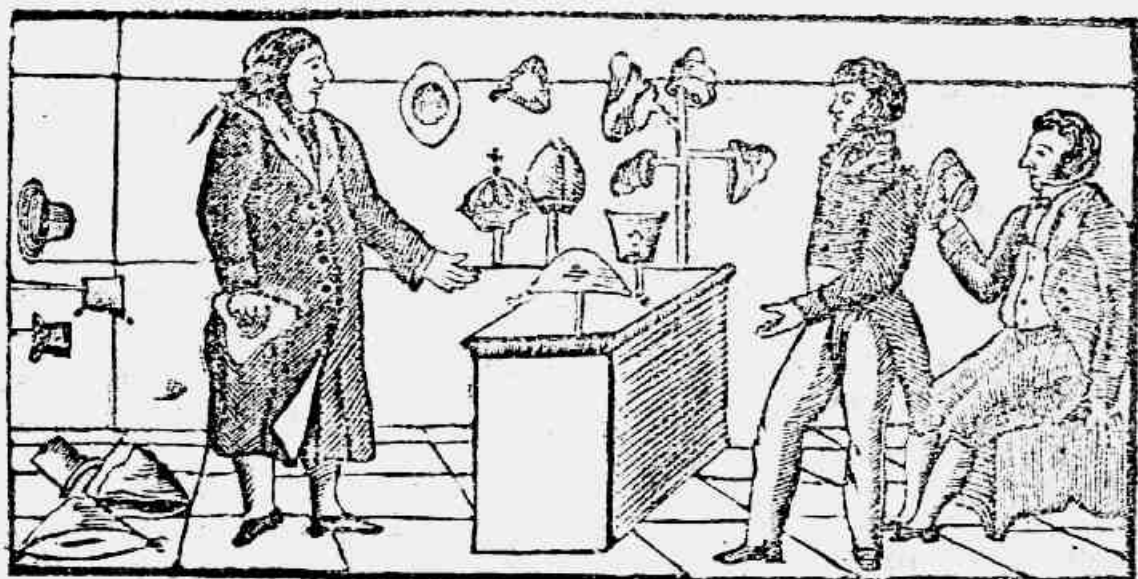
A principal reforma, de que mais carecemos he nos principios Philosophicos, que infelizmente nos tem levado ás lordas do abys-

mo. Proscrevão do Brazil os nossos Legisladores essa Philosophia Atheista, que desd'a Revolução Franceza se tem inoculado por toda a parte: procurem desconceituar o Materialismo, e Egoismo, esses cancaros roedores da Moral dos Povos: extendão a mão robusta ao Altar, que entre nós quasi jaz por terra: deem todo o acorçoamento possível á sancta, augusta, benefica, e Divina Religião de nossos Pais, e ver-se-á o Brazil melhorar a olhos vistos, qual reverdece, e medra a planta delinhada, e triste, quando recebe o rocio do ceo. Talvez me digão os *Regressistas*, que o Absolutismo não pretende out'a cousa, se não isto mesmo: mas de quem se compõe os partidos os deste systema? Alguns existem no Corpo Legislativo; existem outros na classe do executivo; no Judicario não faltão Absolutistas: o que tem de fazer então, fação-o agora. Proponhão, promovão, insinuem essas reformas, essas medidas saudaveis, escrevão em favor dellas; e verão, como os Povos as abração de boa vontade, sem ser mister arrojalos na medonha voragem da guerra civil. Em fim geralmente fallando não me agradão revoluções, e mais se são feitas d'estallo, e por meios violentos. Revoluções uteis, e proveitosas só são aquellas, que vem em consequencia de novas ideias, de habitos novos; todas as mais ou são efemerias, e mui desgraçadas, ou vem a custar sacrificios incalculaveis, para se obter ainda com mais vagareza o que branda, e insensivelmente se poderia alcançar, deixando, que a marcha do espirito humano seja o seu pendor natural.

VARIEDADE.

Anecdota.

Hum Bispo de Coimbra, querendo encaminhar a hum amigo em Lisboa huma duzia de alabardas para os Verdeacs da Universidade, mandou ao seu Secretario, que escrevesse a carta; e este, por descuido, em vez de alabardas escreveu *albardas*. O amigo, recebendo o avis, fez logo apromptar a encomenda, e a remetteo para Coimbra. O Bispo, como conhecesse o motivo do engano, lhe escreve por sua mão, dizendo. "Fico entregue das albardas; e posto não ser o que eu queria, são mui bem mandadas, e melhor merecidas. Serão seis para o meu Secretario, por escrever *albardas* em lugar de alabardas, e as outras seis para mim, por assignar a carta sem a ler."



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libetii
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

Hum rajada de Politica.

Há muito não me metto nos debuxos de Politica, já por não sahir fóra das ratas, que me propuz, já por que o nosso Povo deve de estar atediado de tanta Política. Tempo houve, em que os nossos Periodicos não tractavão, se não desta, soltando baforadas do Contracto Social, copiando trechos de Mably, do Barão d'Holbac, e d'outros Politicos, que hoje se reputão fazenda velha, e avariada na culta, e politica Europa. As boticas, as lojas, os botequins, e as officinas de Barb-iros, e Sapateiros erão outros tantos Parlamentos de Politica transcendental, onde se discutia sobre a divisão, e harmonia dos Poderes, sobre a vitaliciedade do Senado, sobre o *Veto* absoluto, ou suspensivo, q' era hum pasmar. Hoje tem amainado hum pouco esse vendaval; e alguns já se vão desenganando, que o ramo da Politica não he especulação, que chegue para todos.

Tinha me deixado pois de Politicar: mas agora sinto cocegas de sahir a terreiro, quando observo, como se vai desvariando a opinião a respeito dos nossos negocios, sobre os quaes vou dizer fran-

camente a minha opinião. He inegavel, que muitos, e gravissimos males tem soffido o Brazil depois do Systema, que actualmente nos rege, o que de força havia acontecer; por que as Revoluções, bem como os medicamentos fortes, e decisivos para os enfermos, trazem incalculaveis desconfortos aos Povos. Muitos á vista dos males, que soffremos, sem saberem, ou sem se darem ao trabalho de pesquisar as causas, recorrem ao mui vulgar sophisma " *Post hoc ergo propter hoc* "; e tudo attribuem ao Regimen Constitucional Representativo, como se podesse ter imperfeição, e vicio intrinseco hum Systema, que há elevado ao fastigio da grandeza, e prosperidade a Grã-Bretanha, França, e os Estados Unidos d'America do Norte. Alguns, que se queixão da nossa Constituição, são sinceros; por que não alcanção a mais. Observando, que muitos males tem apparecido depois della, não reconhecem outra causa de taes males. e desejão, que volvessem os tempos do passado Governo: outros porém fazem-o por tactica para seus fins, e inventarão o termo *Regresso*, como uni-

co meio de salvar o Brazil: e para desgostar os Povos, e desconceituar a actual Administração do Brazil, ensinuão até em seus revolucionarios escriptos, que esta pretende proclamar o *Regresso*, isto he; dar cabo da Constituição, e enthronizar o Absolutismo. Estou convencido, que a nossa actual Administração não vai certamente de accordo com os Republicueiros; que he toda Monarchista: mas não me entra em cabeça, que cidadãos tão illustrados, e tão conspicuos concebão o quixotal projecto de volver o Brazil ao regimen monstruoso de D. João 6.º. Não, esta intriga he para mim muito pueril.

Extremos não se logrão; e extremos são os que nos hão causado os maiores prejuizos. Huns querem a Republica; outros desejão a Monarchia absoluta. Rascaveis, e justos só me parecem os que propugnão pelo meio termo, isto he; os que querem a Constituição Monarchico-Constitucional Representativa, que a Nação abraçou, e jurou. Talvez nos conviesse a principio huma Constituição, em que menos predominasse o elemento Democratico; talvez conviesse então deixar de inserir nella certos Artigos; mas hoje seria imprudente querer acabar inteiramente com hum Regimen, que já calou no espirito dos Povos, hum Regimen, que sustenta, e nutre a huma consideravel porção de Cidadãos; e teriamós nesse caso a ameaça do Evangelho — *Et erit novissimus error peior priori*.

Não desconheço, como já disse, os males, que nós affligem. Huma Revolução tão momentosa não podia effectuar-se sem gravissimos inconvenientes. Passamos infelizmente sem uenhuma transição de colonos a Povos livres, vingamos de hum salto muitos degraus do progresso social; e isto devia acarretar-nos transtornos, e consideraveis prejuizos. Nada há mais fecundo em maravilhas (diz o mui judicioso Alexis Tocqueville) do que a arte de ser livre: nada porém he mais duro, do que o ensaio

da liberdade. Muitas vezes appresenta-se o Absolutismo, como reparador de todos os males, que se sofre: elle he o sustentaculo do bom direito, escudo dos opprimidos, e fundador da ordem. Os povos dormem no seio da prosperidade momentanea, que elle produz; mas quando despertão, achão-se miseraveis. A Liberdade pelo contrario nasce ordinariamente no meio de tempestades: ella custosamente se estabelece por entre as discordias civiz; e só se precebem os seus beneficios, quando ella já tem envelhecido."

O *Regresso*, dizem alguns, he o unico recurso, de que devemos lançar mão para repôr as cousas em seus devidos eixos. Deixemo-nos de Constituição: proclamemos o Imperador Absoluto; que tudo será remediado. Quanto se engañão os que assim pensão de boa fé! Primeiramente todo o Poder humano absoluto he para mim hum monstro horrivel, que não deve ser desejado por nenhum ente racional, que conhece, e aprecia a sua dignidade." O Absolutismo (dizem outra parte o precitado Auctor) he em si mesmo cousa má, e perigosa: o seu exercicio parece-me superior às forças do homem, seja elle quem for; e só a Deos conheço capaz de ser Absoluto sem perigo; por que a sua justiça, e sabedoria são iguaes ao seu Poder. Pelo que não há sobre a terra Auctoridade tão respeitavel em si mesma, ou revestida de hum Direito tão sagrado, que eu quizesse deixar obrar sem regras, e dominar sem obstaculos. Quando vejo pois conceder o direito, e faculdade de fazer tudo a qual quer Poder, quer este se chame Rei, quer Democracia, que Aristocracia, ou seja exercido em huma Monarchia, ou em huma Republica; digo: ali está o germen da tyrania; e procuro ir viver debaixo d'outras leis."

Em segundo lugar poder-se-há effectuar esse *Regresso* sem huma revolução sanguinolenta, destruidora, e horrivel, sem pôr as cousas finalmente em pior

estado? As muitas familias, os innumerables individuos, cuja subsistencia, e prosperidade estão identificadas com o Regimen actual, abrirão mão de tudo, e ficarão pacíficos observadores da sua própria ruína, e desgraça? Supponhamos porém, que por inaudito prodigio não achavão os Absolutistas opposição alguma a seus designos: supponhamos, que como vulgarmente se diz, sem pau, nem pedra conseguirão desplantar a Constituição, e proclamar o Governo Absoluto; melhorarião com isto as cousas do Brazil? Ficarião os Povos morigerados? Serião boas as leis, e bem executadas? Seria melhor administrada a Justiça? Terjamos melhor arrecadação, e distribuição das nossas Finanças? Estou persuadido, que não. Depois de mil estorvos, e embaraços, ficaríamos no mesmo, ou em pior estado; por que os nossos males não provêm certamente da Constituição escripta, que he letra morta; provêm de nos mesmos, que somos cheios de vicio-, e caprichos. E terá o vocabulo *Absolutismo* (alias horroroso) a virtude magica de mudar os homens?

Neste Regimen quaes serião os Agentes do Poder? Farião surgir das frias cinzas do sepulcro os nossos Avós de cabelleiras, e espadas á cinta para dirigirem os nossos negocios? Quem pois nos governaria, se não os mesmos homens, que vivem connosco, e que todos conhecemos? Muitos destes já tem sido experimentados em todos os ramos da Publica Administração; e o que tem feito? Huns tem-se locupletado; outros tem arrumado seus parentes, e afilhados, outros finalmente só tem servido de dar sobejas provas da sua incapacidade. Onde estão as virtudes Religiosas, e civicas dos nossos Grandes, ricos, e poderosos? Com honrosas excepções observa-se, que delles he, que a corrupção desce, e se propaga ás classes inferiores. Quem he, que protege, e apadrinha o facinoroso, o salteador, e assassino, se não nós mesmos, que nos a-

pregoamos cidadãos elevados? Quem cunhou huma praga de cobre falso, e a deramou na circulação? Quem mercadeja escandalosamente em carne humana? Quem s'empenna fortemente com os Juizes de facto para subtrahir á punição legal os maiores homicidas, e ladrões? Quem sustenta desordeiros, e sicarios para seus guarda-costas, e até para ministros de suas vinganças? Quem põe as sentenças, a preço marcado, e as funcções da Justiça em almoeda? Quem se há enchido dos dinheiros publicos, entregues á sua direcção? Somos nós outros, que nos dizemos homens de bem, e gente principal.

Pergunto agora: e todas estas desgraças são mandadas fazer pela Constituição? Pelo contrario esta garante o Direito de propriedade, e põe os Agentes do Poder em plena dependencia da Lei. Além disto temos o terrivel remedio da censura por meio do prelo. Ora se não obstante tudo isto, fazemos das nossas todos os dias; o que será, proclamado o Governo Absoluto, isto he; a tyrannia de huns poucos de impostores, e velhacos agaloados, e seus agentes, e protegidos contra a mais população pacifica, e escrava? O Imperador, ainda que o suponhamos Divinamente assistido, e inspirado, não póde governar por si só. Ha de forçosamente servir-se destes, ou d'aquelles de nós mesmos. Encontrará, não nego, alguns cidadãos mui honestos, instruidos, e capazes: mas huma machina tão complicada, e extensa, como he o nosso Imperio há mister muitos agentes superiores huns, outros subalternos, Magistrados, Funcionarios de muitas especies, &c. &c. E o Absolutismo terá o talisman de crear essas capacidades? Ou a virtude celestes de fazer conversões? De necessidade ha de lançar mão dos actuaes elementos, de necessidade ha-se ajudar de nós mesmos, e eis-nos em hum circulo vicioso. Mudão-se os altares; mas os Sanctos ficão os mesmos: os desaforos, as velhacadas, e injustiças, que hoie se

praticão sob capa da constituição, farse-ião, e ainda maiores, em nome do Imperador, e sob pretexto de segurar-lhe o Throno; com a diferença porém de que presentemente os offendidos, e oppressos ainda tem o desabafo, e rifrigio de recorrer ao Prelo, de denunciar à Opinião Publica as malversações, e picardias dos Agentes do Poder; e tem-se visto alguma vez produzir este meio saudavel effeito; por que a Opinião Publica he a verdadeira Rainha absoluta do Mundo Politico: mas proclamado o Absolutismo, tudo carvava o colo ás paixões, e caprichos dos Mandões; e a pizarião os Povos; e o mais leve quixume seria punido, como hum rebelião formal. O Prelo estaria só ás ordens do Poder; e depois de larga oppressão o Throno tornar-se-ia hum objecto de horror; e quando os Povos chegassem a saccedir o jugo, deslhesse dia desapareceria entre nós a Monarchia.

Julgo pois não pouca reflexivos os que desejão entre nós esse *Regresso*; e em meu entender estão quasi no mesmo caso, que os Republicanos. Monarchia absoluta, ou Republica Democratica no Brazil de hoje seriam dous terriveis flagellos, duas desgraças, que nos abysmariam nos maiores horrores imaginaveis. Convenho, e muitas vezes o hei dicto, que precisamos de varias Reformas; mas reformar não he destruir. He preciso em meu humilde entender emendar muitas das nossas Leis secundarias, ou administrativas, monarchiando as o melhor, que for possivel; acabando com tantas eleições para tudo quanto há. Isto entendo eu; mas destruir a Lei Fundamental, dizer — Acabe-se a Constituição; e governe-nos o Imperador, como bem parecer, não á Elle; mas aos seus Aulicos, aduladores, e Sycophantas, para ahi não vou, nem me parece, irá nenhum homem de brio, e de juizo.

A principal reforma, de que mais carecemos he nos principios Philosophicos, que infelizmente nos tem levado ás bordas do abys-

mo. Proscrevão do Brazil os nossos Legisladores essa Philosophia Atheista, que desde a Revolução Franceza se tem inoculado por toda a parte: procurem desconceituar o Materialismo, e Egoismo, esses cancaros roedores da Moral dos Povos: extendão a mão robusta ao Altar, que entre nós quasi jaz por terra: deem todo o acoroçoamento possivel á sancta, augusta, benefica, e Divina Religião de nossos Pais, e ver-se-á o Brazil melhorar a olhos vistos, qual reverdece, e medra a planta definhada, e triste, quando recebe o rocio do ceo. Talvez me digão os *Regressistas*, que o Absolutismo não pretende outra coisa, se não isto mesmo: mas de quem se compõe os partidarios deste systema? Alguns existem no Corpo Legislativo; existem outros na classe do executivo; no Judiciario não faltão Absolutistas: o que tem de fazer então, fação-o agora. Proponhão, promovão, insinuem essas reformas, essas medidas saudaveis, escrevão em favor dellas; e verão, com os Povos as abração de boa vontade, sem ser mister arrojalos na medonha voragem da guerra civil. Em fim geralmente fallando não me agradão revoluções, e mais se são feitas d'estallo, e por meios violentos. Revoluções uteis, e proveitosas são aquellas, que vem em consequencia de novas ideias, de habitos novos; todas as mais ou são ephemeras, e mui desgraçadas, ou vem a custar sacrificios incalculaveis, para se obter ainda com mais vagareza o que branda, e insensivelmente se poderia alcançar, deixando, que a marcha do espirito humano seja o seu pendor natural.

VARIEDADE.

Anecdota.

Ham Bispo de Coimbra, querendo encomendar a hum amigo em Lisboa hum duzia de alabardas para os Verdeaes da Universidade, mandou ao seu Secretario, que escrevesse a carta; e este, por descuido, em vez de alabardas escreveu *albardas*. O amigo, recebendo o aviso, fez logo apromptar a encomenda, e a remetteo para Coimbra. O Bispo, como conhecesse o motivo do engano, lhe escreve por sua mão, dizendo. "Fico entregue das alabardas; e posto não ser o que eu queria, são mui bem mandadas, e melhor merecidas. Serão seis para o meu Secretario, por escrever *albardas* em lugar de alabardas, e as outras seis para mim, por assignar a carta sem a ler."